

FHC ironiza agências de “rating”

Presidente demonstra com palavras e números que está otimista com o futuro do País

Livia Ferrari e Sabrina Lorenzi
do Rio

O presidente Fernando Henrique Cardoso criticou, ontem, o método de classificação de risco das agências internacionais de “rating”. Classificou a metodologia das agências “de cálculos econométricos” feitos por jovens que não conhecem o País. E deixou claro que é difícil entender “como em um mundo tão tempestuoso, tão cruel, em uma agência de rating algum jovem, que mal conhece a realidade, faça cálculos econométricos, às vezes a partir de suposições bastante duvidosas, e baixe a nota de um País inteiro”.

As declarações do presidente da República foram feitas para uma seleta platéia de empresários, ministros e economistas, reunida, ontem, na sede do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para comemorar os oito anos de Plano Real e os 182º aniversário da Associação Comercial do Rio de Janeiro.

Mantendo o tom crítico, Fernando Henrique disse que a manutenção das taxas de juros elevadas não

depende só do governo. “Dizem que o governo não baixa a taxa de juros; como se o governo pudesse baixá-las, por decreto”, disse ele, destacando que o rebaixamento da classificação do Brasil também tem efeito direto sobre a alta dos juros.

Num balanço sobre os oito anos do Real, Fernando Henrique destacou que a taxa de investimentos subiu de 13% ao ano para os atuais 20% do Produto Interno Bruto (PIB), equivalente a US\$ 120 bilhões, sendo desse total US\$ 20 bilhões em investimento estrangeiro. Ressaltou que o “esforço de poupança interna é insuficiente” e que “o empresário é quem tem que investir”.

Otimismo

Apesar de reconhecer fragilidades do País como juros altos, poupança doméstica insuficiente e a desigualdade social, o presidente demonstrou com palavras e núme-



Fernando Henrique Cardoso

ros que está otimista quanto ao futuro do Brasil. “Os alicerces estão aí, as convicções estão claras”, disse FHC, depois de exaltar mais uma vez a estabilidade monetária com o fim da inflação. “E diziam que foi plano eleitoreiro”, afirmou, referindo-se ao Plano Real. “Não

vou nem citar os autores dessas frases, porque estão aí até hoje, mas hoje dizem coisas melhores.”

O presidente se defendeu ontem das críticas sobre a desigualdade social do País. “O Brasil descobriu a desigualdade; só se fala nisso”, disse. “Nunca existiu desigualdade? O que acontece é que, sem inflação, com mais democracia, isso passou a ser intolerável, ninguém mais aceita a desigualdade”.

Ainda na defesa, o presidente disse que o governo continua assumindo o papel de agente distribuidor de renda. Frisou que todos os recursos de posse do governo fede-

ral, recolhidos por meio do imposto de renda pessoa física e jurídica, são aplicados em programas para o combate das desigualdades sociais. Isso equivale, disse, a R\$ 30 bilhões. Citou como exemplo o Bolsa-Escola, o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), com o seguro desemprego, a aposentadoria para trabalhadores rurais.

Distribuidor de renda

Além disso, os gastos do governo com programas sociais e distribuição de renda somam R\$ 26 bilhões, disse FHC. “O resto é crescimento econômico, com geração de emprego.” Além de distribuidor de renda, o papel do Estado, definido por Fernando Henrique, está na regulamentação. Com essas atribuições ao governo, o presidente rebateu acusações que o colocam como chefe de um governo neoliberal. “Não há neoliberalismo que caiba num país como o Brasil”, disse. “O setor público há de ser sempre fundamental para redistribuição de renda e dos processos de regulamentação, o que acontece é uma reformulação do Estado”.